

Maria José teve que cuidar de quatro filhos, depois que Roberto morreu numa explosão em pedreira



Silvana Martins precisou levar o filho em uma pedreira para ele "aceitar" que o pai morreu. Há dez anos ela luta na Justiça para ser indenizada

A morte de Luiz Filadelfia foi há seis anos, mas Joselia cai no choro quando revira fotos do marido



REPORTAGEM **PATRIK CAMPOREZ**
pmacao@redgazeta.com.br

FOTOGRAFIA **MARCELO PREST**
mprest@redgazeta.com.br

DIAGRAMAÇÃO **ADRIANA RIOS E EDSON DE MELO**

Os maridos de Silvana, Joselia, Maria Júlia e Maria José tiveram o mesmo fim: morreram nas pedreiras de mármore e granito do Espírito Santo. As quatro mulheres moram a menos de 400 metros umas das outras, em Itaoca Pedra, Cachoeiro de Itapemirim, que por causa do índice de mortes na extração de pedra ficou conhecida como "vila das viúvas". Ao longo do território capixaba - em municípios como Colatina, Vargem Alta e Vila Pavão - essas histórias se repetem. É só puxar assunto que os moradores começam a lembrar das últimas vítimas.

E não é para menos. Cerca de 100 homens morrem a cada década nessas regiões, no setor de rochas, segundo dados Sindimármore. Dois operários morreram apenas no período em que esta série de reportagens era produzida, num período de três meses. São localidades onde o luxo do material exportado contrasta com um submundo de pobreza e destruição ambiental, que ainda deixa pelo caminho uma legião de órfãos e viúvas. É comum encontrar mães que já perderam mais de um filho e esposas que, além de carregar o peso da morte do marido, tiveram que aprender a lidar com outros óbitos na família. Silvana Souza Santos, por exemplo, tem três vítimas na família. O marido Ozeias Queiroz Correa morreu em 2010, com apenas de 33 anos, depois despencar de uma rocha de quase 10 metros. O cunhado dela havia falecido, dois anos antes, na mesma atividade, também após cair de uma rocha. Um se-

“Ele chegava em casa dizendo que a máquina não estava boa. Então abria a Bíblia e rezava, pedindo para não sofrer acidente”

TERESA DE JESUS NASCIMENTO RAMOS 44 ANOS

gundo cunhado ficou incapacitado em uma pedreira e hoje não consegue andar.

Quando Ozeias faleceu, o casal comemorava oito anos de matrimônio. O filho Vinícius, que hoje tem 12 anos, na época

tinha apenas 6, o que aumentou o sofrimento. Ozeias era marteleteiro, trabalhava perfurando as pedras antes delas receberem explosivos e serem extraídas. “Aqui sempre tem acidente nas pedreiras. As empresas precisam investir em segurança para parar de morrer gente”, lamenta Silvana, hoje com 27 anos. Em junho daquele mesmo ano, a vizinha dela, Joselia de Oliveira, 43, também havia chorado a morte do marido. Em um intervalo de menos de seis meses, a pequena vila cotabilizava mais duas viúvas. Somente entre 2010 e 2016, o coveiro da vila viu morrer 10 vítimas de acidentes em pedreiras. Algumas eram suas amigas. Dois trabalhadores chegaram a morrer em um intervalo de 24 horas, em janeiro de 2008. O primeiro acidente ocorreu por volta das 22 horas, numa pedreira em Alto Moledo. O operador de máquinas Luiz Gonzaga da

Silva, 45, foi atingido por pedaços de pedras que se soltaram de um paredão de mais de dez metros. O segundo caso foi às 10 horas do dia seguinte. O ajudante de pedreiro Altair Sérgio Braz Assis, 39, foi eletrocutado enquanto executava serviços numa serraria na localidade de Córrego do Óleo, também em Itaoca.

Em Prosperidade, Distrito de Vargem Alta, Teresa de Jesus Nascimento disse ter sofrido pressão para desistir do processo contra a empresa dona da pedreira onde o marido morreu. “O patrão não quis pagar nossos direitos, mesmo eu ficando com três filhos para cuidar. Na época fui até ameaçada para que eu deixasse de correr atrás da indenização, mas não me intimidei. Entrei na Justiça e, só assim, ele pagou”. Já Silvana Martins afirma não ter recebido qualquer centavo de indenização, apesar de a morte do marido, Adilton Antônio Ferreira, ter

VILAS DE ÓRFÃOS E VIÚVAS

DE NORTE A SUL DO ESTADO, EXTRAÇÃO DE ROCHAS DEIXA FERIDAS NAS FAMÍLIAS DAS VÍTIMAS



Primeiro o cunhado; depois, o marido. Duas mortes que não saem da cabeça de Silvana Souza, moradora de Itaoca



Maria Júlia perdeu o marido numa explosão. “Tem quatro acidentes na carteira de trabalho dele. O quinto foi fatal. Desde 1992 cuida do túmulo dele”



Teresa perdeu o marido em uma pedreira de Prosperidade. “Até hoje não tem Natal na nossa casa”



“Passando pano na casa, vinha uma voz e dizia que eu iria ser viúva. Essa voz veio várias vezes, até minha patroa chegar com a notícia: ele tinha morrido”

MARIA JOSÉ LINO
MORADORA DE ITAOCA

acontecido há 11 anos. Segundo ela, a Justiça penhorou R\$ 300 mil da empresa, mas ela estaria se negando a pagar. Além disso, também teria feito chantagem. “Passou três dias da morte, o patrão veio bater aqui em casa para me oferecer R\$ 900 para eu desistir do processo. Na Justiça, tentaram alegar que foi suicídio, dizendo que ele pulou da máquina por querer. Fizeram de tudo para se livrar do processo”.

Moradora de Vila Paulista, em Barra de São Francisco, Silvana contabiliza, na vizinhança, pelo menos dez viúvas de operários de pedreiras. O marido dela era operador de máquinas. “Foi fazer um percurso com uma máquina velha, que deu defeito e ele pulou. Mas a máquina passou por cima dele”. Quanto ao lado emocional, Silvana diz ter ficado destruído. “Era nosso aniversário de casamento, meu filho tinha acabado de fa-

zer dois anos e não se conformava. Fiquei impossibilitada de falar, de comer e de andar. Uma depressão profunda. Não conseguia ver meu filho porque lembrava do pai. Aos poucos você vai reaprendendo a viver, mas a dor não passa”, relata.

SAUDADE

Faz seis anos que Luiz Carlos Filadelfia partiu, mas é só lembrar do marido que Joselia desaba em lágrimas. Ele tinha 47 anos e morreu em 18 de junho, deixando dois filhos para a esposa cuidar, o Leonardo, de 21, e a Thalia, de 19 anos. “O trabalho é muito perigoso, mas ele não pensava em risco. Era o dinheiro necessário para alimentar a família”. Sobre as causas do acidente, Joselita lembra que um cabo de aço que prende a pedra estourou e acertou a cabeça do operário, que foi arremessado

contra uma árvore. “Chegaram a levar ele para o hospital, mas já chegou morto”, narra a viúva, que costuma recorrer aos álbuns de fotografia para matar a saudade. Nos seis primeiros meses de 2010, seis trabalhadores já havia morrido, no Sul do Estado, no setor de mármore e granito.

Maria José Luper Lino também demorou vários anos para “aceitar” a morte do marido. Marteleiteiro experiente, Roberto Moreira Lima tinha 41 anos e trabalhava perfurando pedras antes das explosões. Até que um dia a quantidade de pólvora socada foi grande demais, e a pedra caiu em cima do operário após explodir. Morreu na hora. Tinha quatro filhos, todos muito ligados a ele. “Eu não dormia nem comia. Só vivia chorando. Até que juntei forças e fui correr atrás para receber meus direitos, mas a empresa disse que não era responsável por ele. Era um tempo em que era mais difícil para o trabalhador, apesar dele ter carteira assinada. Demorei mais de dez anos para receber alguma coisa, pois no início a empresa não me ajudou com um caroço de arroz sequer”. O acidente foi no ano 2000. Roberta, hoje com 19 anos, estava na barriga da mãe quando o avô faleceu. “Foi ele quem escolheu meu nome, mas nasci pouco depois dele partir. O sofrimento foi terrível, minha avó caiu em depressão e até hoje toma remédio. Demorou muito para aceitar”. Dois anos antes, em 30 de outubro de 1998, Maria Luper perdeu o cunhado, João Bosco, que tinha apenas 29 anos quando morreu na pedreira. “Ele estava de férias, mas a firma mandou que ele fosse trabalhar. Lá se acidentou e morreu”, conta Maria.



O coveiro da “vila das viúvas” mostrou onde 10 homens estão enterrados, no cemitério local, vítimas das pedreiras

NO GAZETA ONLINE
Confira vídeos com depoimentos de parentes de vítimas de acidentes em marmorarias e pedreiras do Espírito Santo.

DOR QUE NUNCA VAI EMBORA

*FAMÍLIAS APRENDEM A CONVIVER COM A
DOR, MAS A INDIGNAÇÃO PERMANECE*

Um, dois, dez anos se passaram. Não importa o tempo. As famílias fazem questão de manter bem viva a memória dos entes que morreram no setor de mármore e granito. Em um postinho de saúde de Prosperidade, em Vargem Alta, perguntamos à enfermeira se ela conhecia algum acidentado recente. “Aqui tem muito”, disse sem titubear, fazendo sinal com a cabeça para a moça ao lado. Era Vanessa Giacomini, 31 anos, que perdeu o irmão há poucos anos no beneficiamento das pedras. Fomos à casa dela, que no caminho nos apresentou outros acidentados, inclusive seu ex-marido, que também quase morreu em pedreira. “Aqui sempre tem acidente. As famílias aos poucos aprendem a conviver com a dor, mas a indignação permanece”. Em Prosperidade foram extraídas as primeiras rochas no Estado e é de onde saíram pedras usadas na construção de Brasília. Tudo gira em torno das pedreiras e empresas de processamento e beneficiamento. Dentre as vítimas, os jovens são maioria, o que provoca ainda mais indignação nos familiares. “Meu irmão tinha terminado o Ensino Médio, estava começando a viver. Com a pancada, ele teve traumatismo craniano, deu coágulo na cabeça e ia ficar igual a um vegetal. Mas morreu depois de 23 dias”, lembra Vanessa, segurando a foto do irmão.

Moradora antiga de Itaoca, Rosimeire da Silva Roli, 62, sabe bem o trauma que as mortes provocam nas comunidades. “Antes era difícil uma semana que não morria três ou quatro nas pedreiras. Isso deixou uma quantidade enorme de mulheres sem marido, e começaram a cha-



“Perdi meu irmão, e meu ex-marido também sofreu acidente grave em pedreira. Aqui é algo corriqueiro quebrar um braço ou perna. Arrancar o dedo em uma máquina é normal”

—
VANESSA GIACOMINI
IRMÃ E EX-ESPOSA DE VÍTIMAS



Enquanto caminha, Rosimeire lembra-se das vítimas recentes. Ela perdeu o irmão e vizinhos

mar nosso lugar de ‘vila das viúvas’”, diz ela, que viu o irmão Eli da Silva morrer numa pedreira com apenas 24 anos. O ano do acidente era 1978, quando começaram a acontecer as primeiras mortes na vila. Eli deixou um filho pequeno e a esposa, que, desolada, mudou de cidade. “Tinha uma pedra que ninguém colocava a mão. O encarregado dele o desafiou, dizendo que meu irmão não teria coragem de mexer. Ele mexeu, e a rocha rolou em cima dele, lembra. Por volta da década de 60, Itaoca era conhecida como Capim Angola e se sobressaía por suas plantações de algodão. Era um meio rural, até começar a receber empresas interessadas na extração das jazidas. Muitos agricultores migram para as pedreiras em busca de salário e logo Capim Angola passou a se chamar Itaoca Pedra (na língua tupi, casa de pedra). Terminado o século XX, Itaoca passa a ser conhecida por ‘vila das viúvas’.

“FISCALIZAÇÃO É FRACA”

▄ Presidente do Sindirochas, Tales Machado argumenta que o setor tem investido em segurança do trabalho e em tecnologias que reduzem o número de acidentados. “Antes, havia muitas mortes dentro das empresas, e hoje caiu muito. Mas ainda é um absurdo, não pode morrer. A gente tem que trabalhar para ter acidente zero, morte zero”, enfatiza. O representante do setor ressalta que a “morosidade” para se conseguir licenças ambientais serve de estímulo à clandestinidade. “A legislação mineral e ambiental é morosa. O problema são essas empresas que trabalham em paralelo, pois a fiscalização é fraca”.



FILHOS DE OPERÁRIOS QUEREM FUTURO MELHOR PARA VILAS

▄ Montados sobre uma retroescavadeira abandonada há dois anos em uma jazida desativada, um grupo de filhos e parentes de trabalhadores do mármore não perdeu a oportunidade, ao sentir a presença da reportagem, de cobrar melhorias para a região de Alto Gironda, em Vargem Alta, no Sul do Estado. Da região sai calcário, cimento e mármore de alta qualidade, mas os jovens reclamam que a riqueza não chega às famílias e trabalhadores. Os jovens, além lidar com a falta de

oportunidades, vivem em regiões degradadas, com grande esgotamento do solo e do meio ambiente. “Aqui não tem oportunidade de emprego nem de curso de capacitação para filhos de trabalhadores das pedreiras. Quando tem emprego, é coisa pesada ou perigosa. Lazer, também não tem. Só o banho nas lagoas que se formam nas minas abandonadas, mas que também estão contaminadas e querem proibir a gente de entrar”, dispara Diego Miguel da Silva, 19 anos.